

## ***Mesa Temática***

### **NARRATIVAS PEDAGÓGICAS: APRENDENDO COM AS HISTÓRIAS DE PROFESSORAS E PROFESSORES DA EJAÍ**

Juliana Batista Faria<sup>1</sup>  
Flávia Cristina Duarte Pôssas Grossi<sup>2</sup>  
Denise Alves de Araújo<sup>3</sup>  
Rony Sergio Ferreira Martins<sup>4</sup>  
Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca<sup>5</sup>

O I Simpósio Brasileiro de Educação Matemática com Pessoas Jovens, Adultas e Idosas teve como atividade central a apresentação de comunicações científicas e de narrativas pedagógicas escritas por docentes e estudantes de graduação e pós-graduação. Foram também propostas mesas temáticas com assuntos relevantes para aqueles e aquelas que ensinam e aprendem matemática com pessoas jovens, adultas e idosas. Contudo, diante da novidade de se propor a escrita de “narrativas pedagógicas” (PRADO, 2013), o Comitê Organizador do Simpósio julgou que seria interessante uma mesa temática sobre as tais narrativas. Assim, as pessoas poderiam conversar sobre o trabalho colaborativo entre docentes narradores e docentes escritores de cartas proposto pela Comissão Científica das Narrativas Pedagógicas para o evento e saber mais sobre o campo das pesquisas (auto)biográficas e narrativas em Educação, mais especificamente, sobre um dispositivo de

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação, Professora de Matemática na Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Pós-Doutoranda na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – E-mail: julianabatista@ufmg.br.

<sup>2</sup> Doutora em Educação, Professora de Matemática visitante no Instituto Federal de Minas Gerais (Campus Ouro Preto) – E-mail: fcdpossas@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Educação, Professora de Matemática na Escola de Educação Básica e Profissional e Coordenadora do Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – E-mail: denisearaujo@ufmg.br.

<sup>4</sup> Especialista em Educação Matemática, Professor de Matemática e Coordenador de Segmento do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos da Escola Politécnica Joaquim Venâncio – Fiocruz – E-mail: ronysergio@gmail.com.

<sup>5</sup> Doutora em Educação, Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – E-mail: mcfrfon@gmail.com.



investigação-ação-formação que promove a produção coletiva de relatos (narrativas) de experiência pedagógica: a “Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas” (SUÁREZ, 2016).

Nossa mesa temática ocorreu na noite de 18 de novembro de 2022, no horário das 19:30 às 21:30h, na sala 05 do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos – CIEJA Perus, na cidade de São Paulo. A conversa começou com a apresentação da Comissão Científica das Narrativas Pedagógicas, composta pelas autoras e pelo autor do presente relato<sup>6</sup>. Em seguida, a professora Denise Alves de Araújo contou como surgiu a ideia de se propor a escrita e a reescrita de narrativas pedagógicas como estratégia de produção coletiva do conhecimento, mediada pelas contribuições de cartas pedagógicas escritas por colegas de profissão a participantes do evento. Em geral, as comunicações científicas trazem relatos de pesquisas acadêmicas realizadas por docentes ou estudantes de cursos de graduação, mestrado ou doutorado. As experiências vividas por professoras e professores muitas vezes são o “objeto” dessas pesquisas. Ao propor que também docentes da Educação Básica escrevessem narrativas contando suas experiências pedagógicas, trouxemos para o evento uma possibilidade de escrita que não dependia de referenciais teóricos e metodológicos, embora pudesse utilizá-los se fosse o caso, tornando a participação no evento acessível a todos e todas que vivenciam a experiência docente e que, por isso mesmo, podem produzir conhecimento de forma compartilhada com uma comunidade de escritores e escritoras, leitores e leitoras.

Assim, para que as pessoas que prestigiaram nossa mesa pudessem conhecer de onde surgiu a ideia de se propor a produção coletiva de narrativas e onde elas se assentam no campo acadêmico da pesquisa em Educação, a professora Juliana Batista Faria contou sobre suas experiências com a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (DNEP) durante o período em que realizou seu doutorado-sanduíche na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires (Argentina) e, mais recentemente, em seu pós-doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

---

<sup>6</sup> A professora Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca não pôde estar conosco na ocasião por ter sido acometida pela Covid-19, mas participou de todo o trabalho da comissão e do planejamento da mesa em questão.



Com base em Suárez (2016), Juliana explicou que, ao narrarem o que acontece e *lhes* acontece nas salas de aula, as professoras e os professores reconstróem discursivamente sua prática, tomando consciência sobre os saberes nela produzidos. Além disso, ao compartilharem sua narrativa com colegas docentes, esses saberes são novamente reconstruídos a partir das interpretações que se produzem coletivamente. Assim, quando se promove a colaboração entre docentes que estão dispostos a escrever, ler e comentar as narrativas uns dos outros, cada comentarista do texto pode contribuir para ampliar, diversificar e/ou aprofundar os sentidos da experiência pedagógica narrada.

A professora Juliana também apresentou os sucessivos e recursivos momentos que compõem o processo de DNEP e leu alguns tipos de narrativas pedagógicas, produzidas em diferentes contextos. Uma delas, intitulada “*La Justificación*” (RED DE FORMACIÓN DOCENTE Y NARRATIVAS PEDAGÓGICAS, 2019) foi escrita pela professora Dalia Falcón, no contexto da DNEP realizada no município de *San Fernando* (Argentina) nos anos de 2016 e 2017<sup>7</sup>. Ela narra uma situação vivida em uma sala de aula de Educação de Jovens e Adultos na Argentina. Logo no início da aula, uma aluna chega acompanhada de seu filho e a professora nota que há em seu corpo marcas de violência. A aluna revela as agressões do companheiro para o grupo, apresentando uma série de justificativas para o ocorrido e para o modo como ela se posiciona em relação à situação vivida por ela. Essa questão passa então a ser debatida por seus e suas colegas, que discutem diversos aspectos implicados na situação: o que fazer, onde buscar ajuda, a dimensão social, sua dimensão política etc. A professora Dalia traz em sua narrativa uma reflexão sobre o conteúdo a ser ensinado nas aulas e sobre sua relação com a vida dos e das estudantes. Na noite do ocorrido, ela deveria estar ensinando algum conteúdo previsto pelo currículo escolar. Porém, os acontecimentos fizeram com que o conteúdo passasse a ser outro, um conteúdo que brotou da manifestação das pessoas (colegas e professora) que se comprometeram eticamente com a situação vivida por aquela estudante.

---

<sup>7</sup> A narrativa foi publicada em 2019 no site da *Red de Formación Docente y Narrativas Pedagógicas* da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Acessando <https://www.tramared.com/revista/items/show/44>, pode-se ler todas as narrativas publicadas pelo grupo do qual a professora Juliana participou.



A leitura dessa narrativa afetou as e os participantes da mesa temática. Foram vários os relatos de experiências, vivenciadas pelos professores e pelas professoras em seu cotidiano laboral, que envolviam violência contra mulheres estudantes da EJAÍ. Assim como na narrativa apresentada, na roda de conversa proporcionada por nossa mesa também ocorreu uma troca de ideias, conselhos e experiências, em que os sentimentos de medo e impotência emergiram. O que fazer diante dessa situação? Até onde a escola e profissionais que nela atuam devem agir? Como não se colocar em risco? Essas foram algumas das questões que surgiram durante a conversa. Acolhimento e informação foram palavras mencionadas na busca por definir que papel docentes teriam diante de situações de violência. Também discutimos que tudo isso que acontece e *nos* acontece na sala de aula ocorre enquanto nos propomos a ensinar matemática, um conhecimento tão valorizado socialmente. Isso nos coloca diante de conflitos, pois outros “conteúdos” se impõem no cotidiano de nossas aulas.

Por meio da conversa sobre essa e outras narrativas lidas, as pessoas participantes da mesa temática puderam, então, conhecer um pouco da experiência que Juliana, como professora e pesquisadora, compartilhou com o grupo que compôs a Comissão Científica das Narrativas Pedagógicas do Simpósio, a qual foi tomada como referência para orientar o trabalho colaborativo que envolveu a escrita e a reescrita das narrativas.

Dando continuidade à conversa, as pessoas presentes foram convidadas a compartilhar sua experiência de escrever a primeira versão da narrativa que submeteram ao evento. Algumas pessoas destacaram positivamente a novidade da proposta, especialmente pelo fato de a narrativa permitir que possamos expressar o que fazemos, sentimos e pensamos de um modo que parece mais “natural” ou menos restrito às pessoas que intensamente frequentam o ambiente acadêmico. Certa dificuldade inicial em compreender como seria o processo de receber as cartas e fazer a reescrita também foi relatada. Houve consenso em se considerar que as narrativas foram uma marca importante do evento e o desejo manifesto de que elas continuem a fazer parte das próximas edições.

Em seguida, a professora Flávia Cristina Duarte Pôssas Grossi deu um panorama sobre o conjunto de narrativas enviadas para o Simpósio. Ao todo 28 narrativas foram inscritas. Algumas com temas mais amplos, como: jogos matemáticos, expressões



linguísticas na matemática, instrumentos de sondagem e uso da matemática no cotidiano; outras tratando especificamente do ensino de algum conteúdo de matemática como: uso de porcentagem, grandezas e medidas, estatística, simetria, proporcionalidade, operações de adição e subtração, equação polinomial do 1º grau e área de figuras planas. Havia também narrativas com temas que dialogam com outros campos, extrapolando o campo da educação matemática, como: propostas de projetos de/para EJAÍ, cesta básica e salário mínimo, docência na prática, educação financeira, atividades envolvendo africanidades, matemática e cordel, formação inicial de professoras e professores, astronomia e redes sociais.

Flávia contou também sobre o processo de escrita das cartas endereçadas aos professores e às professoras que narraram suas experiências pedagógicas. As cartas foram escritas por docentes da área de matemática e docentes de outras áreas do conhecimento (pedagogas e pedagogos, professores de ciências, professor de música, professoras de língua portuguesa...) que prontamente aceitaram nosso convite para participarem desse movimento de ler algumas narrativas e, a partir dessa leitura, escrever cartas pedagógicas para professores e professoras que narraram suas experiências. Cada comentarista recebeu orientações para essa tarefa e teve o acompanhamento próximo e gentil das professoras Juliana e Flávia.

Assim como a submissão de trabalhos no formato de narrativas pedagógicas foi uma grande novidade neste evento, a “avaliação” desses trabalhos por meio da escrita de cartas pedagógicas também causou surpresas, inseguranças, estranhamentos e dúvidas em boa parte dos comentaristas. Até para acadêmicos e acadêmicas experientes, foi uma grande novidade. Como cada comentarista recebeu algo valioso – uma experiência pedagógica que merecia ser contada a outros e outras docentes –, as professoras Juliana e Flávia consideraram importante fazer alguns “plantões” (via e-mail, telefonema e mensagens pelo *Whatsapp*) com o objetivo de esclarecer algumas dúvidas sobre a escrita dessas cartas.

Para cada autor de narrativa foram enviadas duas cartas. Ao todo, 56 cartas pedagógicas foram produzidas. Essas cartas contribuíram para a elaboração da segunda versão das narrativas que constam nos anais do evento.



Na sala desta mesa temática, havia comentaristas (escritores de cartas) que contaram um pouco como foi a experiência de escrever suas cartas pedagógicas, mas também havia narradores e narradoras que compartilharam da experiência de receber cartas atentas e cuidadosas. A professora Denise, por exemplo, contou sobre a dificuldade de não se prender aos parâmetros usados nos tradicionais pareceres e conseguir dialogar de forma mais horizontal com a experiência vivida e narrada por outra pessoa, deixando-se ser tocada pela história contada por ela.


Algumas pessoas presentes contaram sobre a emoção de receber as cartas pedagógicas, que, diferentemente dos “pareceres críticos”, vinham de alguém que, de certo modo, “pede licença” para falar da experiência do outro. Algumas narradoras elogiaram as cartas simpáticas, gentis e respeitosas que receberam, com indicações de leituras, sugestões, provocações e questões que aprimoraram não só a escrita da narrativa em si, mas que também potencializaram suas reflexões sobre a experiência pedagógica e as fizeram se sentir acolhidas no ambiente acadêmico. Uma professora-narradora contou que a leitura da carta foi importante para que ela retomasse a experiência narrada com um olhar mais atento.

Nesse momento de nossa mesa, também contamos aos presentes que, no processo de escrita das cartas, os escritores e as escritoras assumiram diferentes perspectivas. A professora Flávia trouxe alguns trechos de cartas que exemplificavam essas diferenças, mas todas tendo em comum uma busca de acolher as experiências narradas e dialogar com elas. Algumas cartas trouxeram uma breve apresentação desses escritores e dessas escritoras. Em sua maioria, teceram elogios às narrativas, reflexões teóricas e sugestões para que o narrador ou a narradora contasse um pouco mais sobre a atividade narrada. Além disso, algumas cartas demonstraram certa adesão à experiência contada na narrativa, compartilharam outras atividades e experiências na EJAI, e engendraram reflexões sobre o processo de escrita de um texto narrativo, advertindo sobre esse gênero textual.

Por fim, o professor Rony Sérgio Ferreira Martins comentou a experiência de ler as narrativas já na sua segunda versão, percebendo as transformações que aconteceram no texto e na perspectiva adotada pelos autores e pelas autoras. Nessa segunda versão, as narradoras e os narradores não precisavam, necessariamente, atender às sugestões indicadas nas cartas

**I SIMPÓSIO BRASILEIRO  
DE  
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA  
COM  
PESSOAS JOVENS,  
ADULTAS E IDOSAS**

18 E 19 DE NOVEMBRO  
- SÃO PAULO -



pedagógicas. O importante era que cada narrador ou narradora acolhesse as reflexões propostas, conhecesse os efeitos que a leitura da narrativa provocava na experiência de leitura de seus pares e tomasse as decisões de mudança (ou não) que julgasse pertinentes à rescrita de seu texto. Rony destacou suas percepções a respeito das experiências narradas, exemplificando experiências com as quais se identificava e caracterizando um pouco das semelhanças, diferenças e singularidades presentes nos textos.

Nossa mesa foi finalizada com expressões de muita gratidão por parte de todas as pessoas presentes, que se emocionaram e tiraram uma foto para marcar a memória do encontro.



### Referências

PRADO, G. do V. T. Narrativas pedagógicas: indícios de conhecimentos docentes e desenvolvimento pessoal e profissional. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.4, n.10,



p.149-165, 2013. Disponível em:

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/537>. Acesso em: 22 dez. 2022.

RED DE FORMACIÓN DOCENTE Y NARRATIVAS PEDAGÓGICAS. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires. Documentación Narrativa de Experiencias Pedagógicas Nodo San Fernando / Norte. In: **Tramando Revista**, ISSN 2796-9738. Disponível em: <https://www.tramared.com/revista/items/show/44>. Acesso em: 23 jan. 2023.

SUÁREZ, D. H. Escribir, leer y conversar entre docentes en torno de relatos de experiencia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 03, p. 480-497, set/dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2999>. Acesso em: 12 ago. 2022.